

# Perda de recursos prejudica o SFH

Desde que foi criada, em 1964, a caderneta de poupança sofreu várias modificações, inclusive em seu objetivo, de financiar habitações, sobretudo para população de baixa renda. A maior degeneração ocorreu nos últimos cinco anos, um dos períodos menos férteis para o financiamento de imóveis. Segundo dados da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), de 1985 até o ano passado foram financiadas 278.946 unidades, contra 2,5 milhões no governo do general João Baptista Figueiredo, entre 1979 e 1984.

O mesmo levantamento mostra que, em 1987, ano em que a captação da caderneta de poupança mais cresceu no governo José Sarney, superando em 56,28% o ano anterior, registrou-se o menor número de unidades financiadas: 13.218. Número que subiu para 137.138 em 1988 e caiu novamente para 74.839 em 1989, quando se verificou uma das maiores fugas dos investidores das cadernetas de poupança, em virtude dos altos juros pagos por outras aplicações.

O economista Roberto Macedo aponta dois erros que levaram ao fracasso da poupança como fonte de financiamento da casa própria: o desvio dos recur-



Alfredo Rizzutti/AE

*Capuano: dinheiro vai para imóvel de alto luxo*

sos para cobrir o déficit do Estado e a má administração do capital, usado para conceder benefícios aos mutuários, em sua maioria cidadãos da classe média e média alta. "Hoje eles pagam pela prestação de seu apartamento o equivalente a 10% de suas contas de energia elétrica", comenta.

Para Macedo, se o dinheiro tivesse sido usado em concessões para os mais pobres, haveria ética. Mas não foi. O empresário Roberto Capuano, presidente do

O ESTADO DE S. PAULO  
CADERNO DE ECONOMIA E NEGÓCIOS  
SÃO PAULO - SP  
11.03.90



Arquivo

*Macedo: benefícios à classe média*

Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (Creci), diz que os financiamentos sempre foram destinados aos imóveis de luxo. Segundo ele, os bancos privados alegavam que financiar casas de baixa renda dava prejuízo como fazem agora com as contas de poupança.

"Os bancos nunca querem correr risco. Não é de se espantar que tiveram lucratividade acima de todos os setores da economia no ano passado, acrescenta o

empresário. Para ele, se todas as atividades correm risco de perda proporcional ao lucro, os bancos também deveriam correr. Capuano espera um maior rigor no próximo governo. Macedo dá uma sugestão para que se recupere parte dos incentivos dados à classe média. Na quitação dos empréstimos seria tributada a diferença do valor real do imóvel e o que foi pago ao governo, como ganho de capital (Ver texto na página seguinte).